



OFÍCIO DE RELOJOEIRO

A necessidade de medir o tempo levou a humanidade a inventar diversos mecanismos. O relógio de sol foi o primeiro instrumento criado para marcar os intervalos de tempo, seguindo-se a clepsidra (relógio de água), a ampulheta (relógio de areia) e os relógios mecânicos cuja evolução permitiu o aparecimento dos relógios portáteis, de bolso e de pulso. Durante o século XX foram concebidos os relógios de quartzo e atómico que são mecanismos de grande precisão.

Em Grândola, são conhecidas referências a relojoeiros a partir do século XVII dado que estes eram contratados pela Câmara para a manutenção e reparação do relógio público. Com a difusão dos relógios estes profissionais foram cada vez mais necessários. Na década de sessenta, do século passado, existiam na vila cinco oficinas, encontrando-se entre estas a de Pedro António Martins da Costa, nascido em Grândola em 1942, que nos fala da sua profissão de relojoeiro.

ORIENTAÇÃO

A minha madrinha, Ivone Douwens Reis, é que me iniciou neste ofício. Felizmente tive esta opção porque quando saí da escola a opção era trabalhar para o meu pai, que era sapateiro, ou trabalhar no comércio ou fazer aquilo que calhasse. Tinha 12 anos quando comecei. A minha madrinha viu-me andar por aí e convidou-me para ir trabalhar com ela. Fui para ali como moço de recados. Os que gostassem e tivessem jeito iam seguindo e eu, como tinha alguma habilidade de mãos, ajeitei-me à profissão. Fui tomando gosto e tem sido a minha profissão até agora.

APRENDIZAGEM

Aprendi na ourivesaria Douwens, onde é agora a loja Carmitela. Entrei em 1955 e em 1957 já desmanchava um despertador. É uma profissão que vamos aprendendo ao longo do tempo. Quando se é aprendiz começa-se pelos despertadores, pelos relógios grandes de parede - limpar, arrumar, para ver o tipo de funcionamento, tipo de afinações e isso perdurou. Aos 14 anos fui trabalhar para Lisboa, para uma oficina grande que havia na rua da Prata e foi aí que eu aprendi o ofício. Estive lá até ir para a tropa. Quando saí de lá era chefe de oficina, tinha 21 anos.

ABERTURA DE OFICINA DE RELOJOEIRO

Quando vim da tropa entendi que já era tempo de regressar à terra. Abri uma pequena oficina e fui progredindo. A primeira oficina que tive foi na rua Infante D. Henrique. Tinha só oficina, depois comecei a meter algum material¹. Vim depois para o rés-do-chão deste edifício (rua Jacinto Nunes), onde abri uma loja, ourivesaria e relojoaria. Mais tarde passei para o largo da igreja.

OUTRAS OFICINAS

Quando me estabeleci havia a ourivesaria do Guia, do Manuel Joaquim, a oficina do Sr. Soares, que era na rua Infante D. Henrique, quase ao pé de onde eu tive a 1ª oficina, o Milharadas e o Douwens. Que me recorde, assim de repente, as últimas que estavam aí agora era a minha e a do Luís Soares. Quando eu fechei ficou só o Luís.

VOLUME DE TRABALHO

Naquela altura havia muito trabalho porque os relógios eram todos mecânicos. A grande quebra dos relojoeiros dá-se acerca de 40 anos. A partir de 1970 começaram a haver relógios eletrónicos. Depois vieram os relógios de quartzo. Hoje as oficinas e as ourivesarias limitam-se a prestar o serviço de oficina ao nível de mudança de pilhas e coisas do género.

RELÓGIOS

Os primeiros relógios de bolso que eu conheci a vender foi o CORTEBERT que custava 560 escudos. Para ter um relógio destes ficava-se a pagar durante X tempo. Em 1955, quem tinha relógios deste tipo eram os capatazes que davam as horas a quem comandavam. Raro era o trabalhador que podia ter um relógio.

Quando eu comecei, estava já a decair a venda dos relógios de bolso, vendendo-se cada vez mais relógios de pulso. O relógio mais barato que conheci na minha época, que se vendia na ourivesaria, custava 290 escudos. Apareceu aí um ainda mais barato, que concorria com as relojoarias. Era o CAUNY que era de contrabando e uma máquina extraordinária, custava 190 escudos. Há um facto que me esqueci de referir sobre os relógios de parede: desde que me lembro, quando os jovens se casavam, era obrigatório um relógio para a casa. A minha madrinha já me falava nisso. Era uma peça cara mas fazia parte do enxoval. O relógio era o orientador da casa.

ARRANJO DOS RELÓGIOS

O problema mais vulgar dos relógios era partirem as cordas, principalmente nos relógios de parede. Os outros relógios era devido a quedas, partiam a roda de balanço e os pivôs e as pontas dos eixos que eram muito fininhas. As peças que utilizava para arranjar os relógios vinham de Lisboa e eram pedidas pelo correio ou pelo telefone.

FERRAMENTAS ESSENCIAIS

Era necessário ter todos os objetos para trabalhar, desde as pinças, os alicates, para desempenar as rodas de balanço, o compasso de 8 e o torno. O torno era essencial. Se não tivesse torno já não podia pôr, por exemplo, um pivô, já não podia adaptar um carro e já não podia fazer uma série de coisas. O conserto do relógio foi sempre caro. Era preciso ter muitas ferramentas, era um empate de capital muito grande.

ENSINO DO OFÍCIO

Tentei ensinar a um sobrinho, que ainda esteve aqui a trabalhar comigo quando eu tinha a ourivesaria, na rua Jacinto Nunes. Isto foi à volta de 1974/75. Ele ainda aprendeu a fazer alguma coisa mas depois... As minhas filhas seguiram outro caminho e eu também não fiz questão que elas aprendessem.

RELÓGIO DA TORRE

Dou apoio ao relógio da torre. O relógio da torre não tem nada a ver com a máquina antiga que lá estava. É já um relógio eletrónico e sou o responsável pela sua conservação.

Não dava apoio ao relógio mais antigo. O último que eu soube que dava ali apoio foi o Manel Sassanito. Era muito habilidoso de mãos mas era carpinteiro, já sabia as manias que o relógio tinha. O relógio ainda era de pesos e tinha que se dar corda. Eram pesos em pedra, tinha cordas e um rolo. Hoje o sistema é muito diferente. A substituição do relógio é do meu tempo de vereador. Está ali, sensivelmente, desde a década de 80.

EXTINÇÃO DA PROFISSÃO

Aqui em Grândola está em vias de extinção. Só se extingue a profissão quando se morre. Relojoeiros vivos ainda temos três² mas não existe uma nova geração a aprender, infelizmente não há. Digo infelizmente porque os trabalhos deste tipo todos têm tendência a desaparecer. Isto são coisas que ao longo dos anos é que aprendemos, esta transmissão de saberes é ao longo dos anos, não se escreve tudo num livro e se entrega para as pessoas aprenderem.

ENCERRAMENTO

Encerrei a loja em 1997/1998. As coisas estavam cada vez a agravar-se mais. Trabalho havia cada vez menos e como veio a idade da reforma, fechei o estabelecimento.



¹Relógios para venda ao público.

²Pedro António Martins da Costa, Luís Soares e Carlos Milharadas.